

# O BRASILDEUTSCH COMO FATOR DE CONSERVAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ NO BRASIL

---

Ciro Damke\*

**RESUMO:** Os imigrantes alemães, que a partir do século XIX vieram ao Brasil, trouxeram consigo, além dos sonhos de uma vida melhor, também sua língua e cultura. Na nova pátria brasileira as diversas variedades regionais, suas línguas maternas, em boa parte mesclaram-se entre si formando o Hunsrückisch. Esta mescla recebeu numerosos elementos da língua portuguesa formando o Brasildeutsch. Este fato foi, e está sendo, uma das causas fundamentais para a conservação da língua alemã no Brasil, como diversos autores que analisaremos, atestam. Caso a língua alemã tivesse se mantido pura, isto é sem mesclar-se com a língua portuguesa, esta, como comprova a situação de numerosas ilhas lingüísticas pelo mundo afora, com certeza, não teria sobrevivido com a intensidade com que ainda é falada em muitas regiões, principalmente, no sul do Brasil. É nosso objetivo, através do presente trabalho, fazer uma análise dos autores que, ao longo destes 200 anos da presença da língua e cultura alemãs no Brasil, abordaram este aspecto e confirmam nossa hipótese.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasildeutsch, língua alemã, sociolingüística.

**ABSTRACT:** The German immigrants that from the 19th Century on came to Brazil brought with them, besides their dreams of a better life, also its language and culture. In the new Brazilian homeland the various regional varieties, their native languages, in a great part merged each other making the Hunsrückisch. This merges received many elements of the Portuguese language creating the Brasildeutsch. This fact was, and is being one of the basic causes for the conservation of German language in Brazil, as several authors that we will analyze, attest. If the German language had been pure, that means without merging with the Portuguese language, this one, as shows the situation of many linguistic islands around the world, for sure, would not have survived with the intensity that it still is spoken in many regions, especially in the South of Brazil. It's our goal, through this work, make an analysis of authors who, over these 200 years of the presence of German language and culture in Brazil, have addressed this aspect and confirm our hypothesis.

**KEYWORDS:** Brasildeutsch, sociolinguistics, German language.

## INTRODUÇÃO

O estudioso da língua, e mais ainda, da sociolingüística, que se ocupa do tema *ilhas lingüísticas ou contextos de línguas em contato* no Brasil, em especial entre o alemão e o português, não pode deixar de citar a mescla lingüística que denominamos de *Brasildeutsch*.

---

\* Professor associado, Colegiado de Letras da UNIOESTE, Campus Marechal Cândido Rondon, professor do Programa de Pós Graduação em Letras da Unioeste.

O *Brasildeutsch*, a grosso modo, é uma variedade lingüística utilizada ainda com bastante intensidade pelos descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil (Damke, 1997). Basicamente é formada a partir da língua alemã, em especial partindo do *Hunsrückisch* que, por sua vez, é mesclado com elementos *germanizados* da língua portuguesa.

*Brasildeutsch* não é a única denominação para esta variedade, são conhecidos, além deste os seguintes nomes: *Brazilian German* (alemão brasileiro) conforme SCHAPELLE (1971, p.24), *deutsch-brasilianische Mischsprache* (mescla lingüística teuto-brasileira) de acordo com BOSSMANN (1953, p.96ss), *Deutsch-brasilianisch* (alemão aportuguesado) conforme FAUSEL (1959, p.6), *Brasildeutsch* de acordo com BARANOW (1973, p.161) e HEYE (1978, p.294) ou simplesmente *Hunsrückisch* conforme STAUB (1983, p.35ss.) e ALTENHOFEN (1996, p.27ss.). Algumas terminologias não estabelecem, em si, diferença entre alemão puro como *Hunsrückisch* e alemão misturado como *Brasildeutsch*.

FRIEDRICHSEN (1978, p. 75) já fala de *uma língua repleta de um número considerável de elementos do português*. O citado autor denomina de léxico misturado às vezes correto, outras vezes português corrompido ou palavras modificadas por uma flexão (entonação) alemã.

## A FORMAÇÃO DO BRASILDEUTSCH.

Segundo o autor citado, (idem, 1978, 7.75), o *Brasildeutsch* já havia se formado amplamente em 1878, um pouco mais de 50 anos após a chegada dos primeiros imigrantes como comprova o seguinte texto.<sup>10</sup>

Der Kascheer (Caixeiro, Handlungsdiener) in einer Fazendalaje (Fazendas, Schnittwaren, Manufacturen, loja, Laden) geht mit der Charute im Munde aus, beauftragt, Austände zu cobrieren (cobrar, einkassieren) über die empfangenen Summen Quittungen zu passieren (passar, ausstellen) und mit den einkassierten Beiträgen nach der Alfandega (Zollamt) zu gehen, um dort einige Waren zu *dispachiren*. Da ihm die Charute ausgegangen ist, geht er in eine *Vende*, um sich Phosphoros zu kaufen (Reibhölzer, meist ohne Phosphor). Der Vendist hat kein Trock (troco, Kleingeld zum Wechseln), er kauft daher noch etwa Fum (fumo, präparierter Tabak) und Palje (palha, Maisstroh) zu Cigarren, um den Balastrak (a balastraca, weiblich) oder den *Bolivianer* auszugeben. Schlieblich nimmt er noch, da die Rechnung sich noch nicht ausgleicht, für ein paar *Ventin* Doss (doce, sübes Gebäck) für das Kind seines Prinzipals mit. Bei der Rückkehr ins Geschäft übergibt er zuerts das *recibo* von der Alfandega und fragt

<sup>10</sup> Texto apresentado por Fausel (1959, p.176).

dann einen eintretenden deutschen Käufer nach dessen Wünschen. Derselbe verlangt Casimir (Tuch), Bajett (baetta, baetilha, Flanell), zum Futter für einen Punsch (poncho), Meskle (mescla, Baumwollzeug) und chita (Kattun, Zitz). Der Käufer fragt: Wieviel kostet die Kowe (o covado, männlich, die Elle) findet den geforderten Preis natürlich zu hoch, erhält aber zur Antwort, billiger kann die Ware nicht verkauft werden, schon der geforderte Preis *lässt* (deixar) sehr wenig Nutzen, noch billiger zu verkaufen *macht keine Rechnung* (não faz conta das wörtlich aus dem Brasilianischen übersetzte *Lassen* und *Rechnung machen* wird man in diesem Sinne in Deutschland nirgends hören).<sup>11</sup>

Também LACMANN<sup>12</sup> (1905, p.273s.), alguns anos depois, acrescentou mais exemplos da formação do *Brasildeutsch*:

...a língua dos alemães no sul do Brasil incorporou uma porção de elementos de origem brasileira e portuguesa. Nem poderia ser de forma diferente. Começaram a fazer parte da realidade de vivência dos imigrantes diversas coisas que lhes eram desconhecidas na pátria de origem. Como iriam denominar estes objetos estranhos? O que lhes estava mais próximo que os termos que lhes oferecia a língua local? Assim, por exemplo o recém-chegado denominou o lugar que ele havia através do desbravamento da mata virgem, transformado em terra de plantio, pelo nome brasileiro de *roça*, que ele transformou em *Rosse*<sup>13</sup>. A faca comprida para o mato, com a qual cortava a vegetação rasteira, ele denominou como os nativos – somente com uma pequena alteração do fonema nasal final – *facão*. A sela, que ele punha no animal de carga, chamou de *Kangalies* (cangalho) a desconhecida e repleta de mercadorias do Brasil – com prateleira de mercadorias *Vende* (venda), a farinha de raiz de mandioca de *Farin* (farinha), o manto local para montaria feito de couro *Garonne* (garonna). (t.a.).

GROTHER (1936, p.78) lamentava a mistura de dialetos alemães e a denomina de monstros lexicais da língua alemã (*deutsche Wortungetüme*):

---

11 O caixeiro numa loja de fazendas anda com o charuto na boca, manda cobrar contas e sobre o valor recebido fornecer recibo e com as quantias cobradas passar na alfândega e lá **despachar** algumas mercadorias. Como seu charuto se apagou ele vai a uma **venda** comprar fósforo. O balconista não tem troco, por isso compra mais um pouco de fumo e palha para fazer **palheiro** ou para dar os **bolivianos**. Por fim, porque a conta ainda não se havia zerado, leva balas por alguns vinténs para o filho de seu chefe. Ao passar na alfândega, entrega o recibo e [na loja] pergunta a um freguês alemão o que ele deseja. O mesmo pede casimira, flanela para forrar um poncho, algodão e chita. O freguês pergunta: Quanto custa o côvado, naturalmente acha o preço estipulado alto, recebe porém, a resposta que mais barato a mercadoria não pode ser vendida, pois o preço estipulado já deixa pouca margem de lucro, vender mais barato não faz conta [não traz lucro] (**não faz conta** traduzir literalmente do brasileiro como **deixar** e **fazer conta** **jamais é utilizado com este sentido no alemão**). (t.a.).

12 Texto publicado no: *Zeitschrift des Allgemeinen Deutschen Sprachvereins* 20, 1878, p.273-276.

13 No *Hunsrückisch* ou *Brasildeutsch* da região pesquisada a palavra é falada *Ros* [ros].

A influência do meio-ambiente no qual se desenrolava a vida do colono alemão, também se estendeu ao seu vocabulário. Expressões correntes do português ouve-se em número não menor da boca do falante alemão, em especial no que se refere às ferramentas usadas pelo colono nas lidas agrícolas. O ouvinte *leigo* dificilmente conseguirá identificar o que significa quando o pai interpela o filho: *Vá com o Fakong* (faca reforçada em forma de foice) na *Rosse* (lavoura), toca o *Mule* (muar) no *Potreiro* (pastagem para o gado). Ou ponha sobre o *Kargeiro* (animal de carga): *Milho*, Batatas (batatinha doce), um pouco de *Scharque* (carne seca), uma garrafa de *Kaschass* (cachaça de cana-de-açúcar) e uma jarra de *Kerosene* (petróleo). Não esqueça de pôr no meu *Pontcho* (manta) alguns *Scharuten* (charutos) e um pouco de *Fum* (tabaco de mastigar). Parece que a gente vai precisar de um dicionário para conseguir decifrar estes e outros monstros lexicais do alemão. Pena que o recém-chegado imigrante alemão se atire justamente sobre estes novos termos de adaptação e acredite, quanto mais ligeiro ele conseguir aprender estas palavras, antes ele poderá se considerar um verdadeiro colono/cidadão brasileiro. (t.a.).

Também FOUQUET (1974, p.234) observou a introdução de palavras da língua portuguesa nos dialetos alemães:

E [todos os dialetos] são por sua vez influenciados pelo P. O imigrante encontrou novas plantas, animais, coisas, instrumentos e costumes; ele ouvia palavras e expressões que ele achava bonito e assim estava pronto para aceitar o novo. Assim elementos lingüísticos do português e de línguas indígenas infiltravam-se no alemão como estrangeirismo ou empréstimos, como expressões, saudações e idiomatismos. (t.a.).

BORN/DICKGIESSER (1990, p.56) complementam, que ao lado do novo ambiente muitas vezes também coisas da vida diária, que já tinham denominação na língua receptora, isto é no *Hunsrückisch*, mesmo assim eram substituídas por empréstimos, o que ainda hoje acontece. Os autores apontam com ênfase para este fato:

...a forte penetração lexical da língua alemã do Brasil por brasileirismos, só parcialmente motivados pelo meio-ambiente diferente (p.e. *Kaschass*, pg. cachaça, cachaça de cana-de-açúcar, pg. butiá, fruto comestível da palmeira *butiá*), frequentemente denominam, no entanto, objetos da vida diária (como Kobre, pg. cobre, na aceção de *dinheiro*, *Frischideere*, pg. frigideira), ou instrumentos que só foram inventados ou oportunizados ao grande público somente depois da imigração (como Freje de mon, pg. freio de mão, *Awiassong*, pg. aviação). (t.a.).

Mais recentemente BORSTEL (1992) fez um estudo sobre o fenômeno em Marechal Cândido Rondon onde encontrou numerosos exemplos de interferências, empréstimos e alternância de código alemão/português.

O texto Milhofest in Santa Rosa foi publicado pelo jornal alemão de São Paulo Deutchche Nachrichten (Notícias Alemãs) e rerepresentado por BOSSMANN (1953, p.108s.). O texto não tem data e autor, no entanto, pelo conteúdo do mesmo deve ter surgido nos anos cinquenta (1950):

- Sind das wirklich Pflüge ... diese discus?  
-Sim, Senhor (*Natürlich*), *das sind modernsten ihrer Art.*  
-... und ist das wahr, o Senhor (Herr), dab diese Pflüge zehn Quart am Tag umreiben?  
-Natürlich ...  
-Ah, graças a Deus (*Gott sei Dank*), *jetzt wird es anders. Die Discus ...* são da fábrica alemã, não é (*stammen aus deutsche Fabriken*)?  
-Não, vizinho (*Nein, Nachbar*), *das sind echte brasilianische Discus.*  
-Vizinho (*Nachbar, hier: Verkäufer*), *sage ich und bemühe mich um eine würdige Haltung: Sie kennen doch das Wort Deus é brasileiro (Godt ist Brasilianer)...*?

Tradução:

- São realmente arados ... estes discos?  
-Sim, Senhor, são os mais modernos de seu tipo.  
-... e é verdade, senhor, que estes arados viram dez quartos por dia?  
-Naturalmente...  
-Ah, graças a Deus, agora será diferente. Os discos... são da fabrica alemã, não é?  
-Não, vizinho, estes são verdadeiros discos brasileiros.  
Vizinho, digo eu e me esforço para conservar uma atitude educada: com certeza vocês conhecem a expressão Deus é brasileiro?”(t.a.)

Numerosos exemplos atuais de *Brasildeutsch*, ou de alternância entre o alemão e português poderiam ser aqui apresentados, como já fizemos anteriormente, (DAMKE, 1997, p. 236 ss), porém conformamo-nos em citar somente alguns deles para exemplificar e comprovar o fenômeno.

1 - *Chá prá casa, treckicha chakuóore!* – *sóot de Man.*<sup>14</sup>  
(Já para casa, jaguara sem-vergonha! – disse o homem.)

Esta frase é um exemplo clássico da ocorrência simultânea de diversos processos da formação do BD<sup>15</sup> na mesma frase, e até mesmo numa única

14 A ordem dos exemplos é a mesma em que esses são apresentados em DAMKE (1997, p. 236 ss).

15 BD: *Brasildeutsch*.

palavra. Como se vê, a primeira parte da frase, isto é a ordem dada ao cachorro, é expressa em P. Isto faz supor que o cachorro entra em contato com diversas pessoas que, ao lado do *HR*<sup>16</sup> também falam, mesmo com imperfeição, também o P. Esta realidade ocorre em muitas famílias das regiões onde ainda se fala alemão. A segunda parte da frase, isto é o vocativo aqui o xingamento do cachorro em *HR*, mostra que o *BD* é a variedade comumente falada pelos moradores entre si, bem como com os animais domésticos que possuem. Chakuóre é um empréstimo e vem da palavra jaguara, animal selvagem da fauna brasileira, que sofre os processos de transformação fonética característicos do *BD*. Nas formas chá e chakuóore (P: *já e jaguara*) ocorreu o processo da dessonorização do fonema [z] > [S] como interferência do *HR* no P que, através do empréstimo de tais palavras do P, é assumido no *BD*. O mesmo acontece com transformação do fonema [g]>[k] e como levantamento vocálico do [a:]>[≈].

3 - ***Eu não falei isto un dee tut mea das ima copriire***  
(Eu não falei e ele sempre me cobra isto de novo.)

Além da alternância de código e do empréstimo do verbo cobrar, aparece aqui também a dessonorização do fonema oclusivo bilabial sonoro [b] para seu par surdo [p]. Numerosos verbos do P são germanizados através da desinência do *HR* e também do *HD* – *iire*.

4 - ***O ano foi difícil, is ava rom gang.***  
(O ano foi difícil, porém passou.)

9 - ***Vá tratar as galinhas, und gep óoch Váza!***  
(Vá tratar as galinhas, e também dê água!)

13 - ***Hait homa próova, eu não estudei nada.***  
(hoje fizemos prova, e eu não estudei nada.)

Além da alternância, está presente aqui também, o empréstimo *próova*.

14 - ***Das Auto is tsu fix gefóo kkom e bateu contra mon.***  
(O carro<sup>17</sup> veio rápido demais e contra mão.)

Na forma *mon* [‘moh] houve mudança do ditongo nasal [aw] para [oh] característico do *HR* e que foi assumido no *BD*.

<sup>16</sup> *HR*: *Hunsrückisch* e P: português.

<sup>17</sup> O regionalismo *auto* é característico do falar do Rio Grande do Sul.

16 – *Ich danke fa dii honra que me deram.*  
( Eu agradeço pela honra que me deram.)

Apesar de o informante, também falar o P e *BD*, a alternância de código aqui, num discurso de agradecimento em público, em si não seria adequada e até forçada, pois o *BD* é raras vezes utilizado em situações mais formais. A alternância de código e o uso do *BD* são aqui plenamente justificados pelas intenções do falante e pelo contexto: tratava-se de um encontro de idosos onde o falante tentava-se adequar à situação real de comunicação e interação.

21 – *Mamai, ich hon Hunga, eu quero um Schmia!*  
(Mamãe, tenho fome, eu quero um schmia!<sup>18</sup>)

O empréstimo *mamai* foi formado a partir da *mamãe* e transposta pelo *BD* como [‘*mamai*], onde aparece o deslocamento da sílaba tônica e a desnasalização.

25 – *Host duu schon deine Imposto da Renda deklarariat?*  
(Você já declarou teu Imposto de Renda)

Apesar de a frase servir como exemplo de alternância de código, a expressão *Imposto de Renda deklarariere* pode também ser classificado como empréstimo do P de *declarar o Imposto de Renda*.

33 – *Do uuve uf'm Pinhepóom hot'n Trekpaua un'n pentivii 'n Nist gebaut.*  
(Lá em cima do pinheiro um joão-de-barro e um bem-ti-vi fizeram seus ninhos.)

Nas palavras *Pinhepóom* (*HD*: Pinienbaum), *Trekpaua* (P: joão-de-barro, *HD*: tradução literal: Dreckbauer) e *Pentivi* (P: bem-te-vi, *HD*: não há tradução) houve respectivamente a dessonorização do [b] > [p], [d] > [t], processo que se repete em dezenas de palavras do *HD*.

34 – *Dii mama sóot mea térfé khe Prumfeechelcha un tiko-tikcha mim funde schiize, nóore Tuteltaipcha.*  
(A mamãe disse que nós não devemos matar beija-flores e tico-ticos com o bodoque/funda só rolinhas.)

---

<sup>18</sup> A *schmia* é formada de uma fatia de pão de milho ou de trigo, coberta de doce/e requeijão (*Kheeschmia*), mais sobre o assunto em MÜLLER (1984, p.52ss.).

*Prumfeechelche* (P: beija-flor, HD: Kolibri) recebeu este nome devido ao barulho do movimento rápido das asas como de uma máquina, motor. O diminutivo *tiko-tiche* provém de tico-tico mais a desinência de diminutivo -che. Construção idêntica é *tuteltaipche* (P: rolinha, HD: *Turteltäubchen*). A palavra Funde provém de *finda*.

38 - *Beim Nochba in de Plant'sch gipt's fil caxumbe, Betlais, Schlepgróos und sogóo adeus-Brasil.*

(Na roça do vizinho têm guanxumba ou caxumba, picão, miriã e até adeus-brasil.)

Estas ervas daninhas são as piores pragas herbívoras que um colono pode ter em sua *Plantóoch* (P: plantação, HD: Plantage), que se conhece na região. O seu aparecimento nas lavouras de um colono é geralmente interpretado como sinal de desleixo e preguiça e geralmente de má situação financeira do proprietário. Dizeres como os seguintes são comuns: *Kumo dem sein Plantóosch, dii is doch ganz una, dee schaft io óoch niks* (Veja a roça dele, ela está totalmente tomada por ervas daninhas, ele também não trabalha nada: HD: *Guck mal dem seine Plantage, die ist doch ganz unter, er schaft já auch nichts*). Os empréstimos *caxumbe* provém do P *caxumba* ou *guanxumba*; os outros termos são construções muito interessantes criadas pelo processo de tradução metafórica: *Betlais* (P: picão; HD: sem denominação, tradução literal: piolho de cama), é o nome de uma erva daninha cuja semente se prende nas roupas como piolhos, *Schlepgróos* (P: miriã, HD: sem nome, tradução literal: grama/capim que se arrasta). Também o *adeus-brasil* é um tipo de erva daninha que, se não for radicada em tempo, pode tomar conta e trazer sérios prejuízos à plantação por isso o nome *adeus, brasil* (não tem mais salvação).

São estes alguns exemplos de *Brasildeutsch* desde os primeiros anos da vinda dos imigrantes alemães até os tempos de hoje.

## CONCLUSÃO

Os exemplos apresentados comprovam que o processo da alternância de código entre o alemão e português que resultou no *Brasildeutsch*, já, se iniciou nos primeiros tempos da vinda dos imigrantes alemães ao Brasil desde 1824 e se perpetua até hoje sendo ainda usado com relativa intensidade em muitas regiões de imigração alemã no sul do Brasil.

A história comprova que a conservação da língua alemã no Brasil se deve, em grande parte, a este processo de alternância e mesclagem, portanto à formação e existência do *Brasildeutsch*.

## REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Franz Steiner, 1996.
- BARANOW, Ulf Gregor. *Studien zum deutschportugiesischen Sprachkontakt in Brasilien*. München: (Doktorarbeit), 1973.
- BORSTEL, Clarice N. von. *Aspectos de bilingüismo alemão/português em Marechal Cândido Rondon*. Florianópolis: (Dissertação de Mestrado), 1992.
- BOSSMANN, Reinhold. *Zur deutschbrasilianischen, Mischsprache*. In: Letras I. Curitiba: s. e., 1953.
- BORN, Joachim e DICKGIESSER, Silvia. *Deutschsprachige Minderheiten: ein Überblick über den Stand der Forschung für 27 Länder*. Mannheim: s. e., 1990.
- DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien: Lang, 1997.
- FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung: Probleme, Vorgang und Worthestand*. Berlin: Schmidt, 1959.
- FOUQUET, Carlos. *Der deutsche Einwanderer und seine Nachkommen: in Brasilien: 1808 – 1824 – 1974*. Porto Alegre: Staden, 1874.
- FRIEDRICHSEN, Ad. *Wie der Deutsche in Südbrasilien Spricht*. in: Koseritz deutscher Volkskalender. Porto Alegre: Koseritz, 1878.
- GROTHER, Hugo. *Im Kamp und Urwald. In Südbrasilien*. Berlin: Weisenhaus, 1936.
- HEYE, Jürgen. *Diglossia and dialect leveling among German speaking immigrants in Brazil*. In: DRESSLER, Wolfgang U./ MEID, Wolfgang (Org.) Proceedings of the Twelfth International Congress of Linguistics. Wien; Innsbruck: s. e., 1978.
- LACMANN, Wilhelm. *Einige Prinzipien linguistischer Methodologie*. In: STEGER, Hugo (Org.), Sociolinguistik: Ansätze zur soziolinguistischen Theoriebildung. Darmstadt: s. e., 1982.
- SCHAPELLE, B. F. *The German element in Brazil: Colonies and dialect*. Filadelfia: s. e., 1971.